

SÔNIA CORREA (BRASIL)
MARISA MATAMALA (CHILE)
NANCY PALOMINO (PERU)
SILVINA RAMOS (ARGENTINA)

As Aventuras Do

A presente publicação deste texto foi graciosamente autorizada pelas autoras e pela Dawn Development Alternatives with Women for a New Era que o publicou em seu boletim *Dawn Informs* nº 1 de 1994 com o título *From Paralysis to Fertile Adventures*

A "razão de ser" deste documento

Parece nos saudavel partir do reconhecimento de que apesar do debate mais ou menos explicito sobre a questao populacional e sobre as politicas populacionais se evidencia no nosso movimento na nossa região a America Latina uma certa dificuldade em pensar essas questoes Em grande medida esse impasse resulta do nao reconhecimento de nossas diferencas e divergencias assim como da nossa dificuldade em lidar com elas e explicita las positivamente

Nessa atmosfera as mulheres presentes a reuniao da Rede de Saude das Mulheres Latino americanas e do Caribe realizada em Oaxtepec em julho de 1993 nos encarregaram da redacao de um documento que pudesse ajudar a descongestionar nossas ideias e nossas açoes O proposito central destas paginas e por isso explicitar as condições do debate identificar a teia de falsos dilemas que o atravessam e assinalar as limitações tensoes e armadilhas que tornam a produção de consensos e de estrategias particularmente dificil Nesse sentido este documento e somente um insumo para nosso processo de discussao e intervenção no caminho para o Cairo e em especial um aporte para a reuniao do Rio de Janeiro sobre Saude Reprodutiva e Justiça

Os processos do movimento feminista nas diversas regioes do mundo sao sem duvida diversos As diferencas correspondem as condicionantes culturais sociais e historicas proprias e distintivas de toda a sociedade

Movimento Feminista

no caminho para o Cairo*

Alguns traços da história do movimento na América Latina nos sugerem que existem as condições para que formulemos um aporte positivo ao debate mundial sobre a questão populacional e sobre as estratégias de autonomia e de alianças do movimento

Por que? A trajetória do movimento feminista latino americano esta profundamente marcada por experiencias de trabalho politico nao somente dentro do movimento mas tambem fora dele. Suas relações ideologicas e politicas com a esquerda e seu crescimento no ambito dos processos sociais e culturais mais amplos expressos nas lutas anti ditaduras e nas transições e reinstitucionalizações democraticas sao as características que mais sobressaem nessa praxis politica ampla e diversificada. As circunstancias historicas particulares do ressurgimento do movimento a partir dos anos 70 nos colocaram frente a um multiplo desafio lidar com a pluralidade estabelecer relações com atores sociais distintos participar de iniciativas estatais e publicas de diversos tipos processar a relação com os partidos politicos e enfim reconhecer e nos posicionar em face de outras demandas sociais. Este e um patrimonio que fortalece nossa autonomia

A responsabilidade pelas ideias apresentadas nesse documento e nossa ainda que sem duvida elas sejam fruto da experiencia coletiva. Reconhecemos e agradecemos a confiança da Rede de Saude das Mulheres Latino americanas e do Caribe da Rede Mudar/DAWN bem como a contribuição de Rhonda Copelon

A complexidade do debate no campo das políticas populacionais

Não é possível pensar o tema populacional fora do marco da reflexão sobre desenvolvimento. E como sabemos, o estado do desenvolvimento no mundo se define hoje por um quadro no qual uma parcela imensa das pessoas tem um horizonte de pobreza crescente ao mesmo tempo que mesmo no campo da produção intelectual o significado do desenvolvimento como perspectiva de futuro e como sentido para a ação parece ter se perdido. Nesse vazio instalam-se a hegemonia do mercado e das políticas de ajuste (subordinadas à lógica da acumulação) e o simples crescimento da produção de bens e serviços que respondem apenas parcialmente a algumas das aspirações humanas.

Nesse contexto, o debate sobre população se estrutura nos planos global, nacional e pessoal, sobre a base de variáveis de valores e de interesses nem sempre convergentes. No plano global, os discursos e conclusões se constroem a partir de níveis de agregação e de abstração extremamente genéricos, os quais obscurecem por completo as complexas mediações entre as atividades humanas, os processos econômicos e o meio ambiente. Nos estados nacionais, a questão populacional é frequentemente percebida e analisada de forma instrumental, e interpretada como consequência de uma boa ou má gestão de governo. No nível micro das relações pessoais, no qual se determinam as decisões sobre reprodução e mobilidade espacial, atuam sobretudo a sexualidade, as relações de gênero, as representações e as construções de identidade, as aspirações ao bem-estar e a qualidade de vida.

São múltiplos os atores que configuram os termos do debate. Ao intervir nessa disputa política, o movimento feminista internacional se vê, por um lado, interagindo com instituições poderosas, as quais impulsionaram historicamente políticas de controle demográfico, cujos braços são as redes e organizações de planejamento familiar, e que estão experimentando mudanças em suas políticas nos últimos anos. Do outro lado está o Vaticano, cujo discurso combina princípios de bem-estar humano com uma ideologia de controle sobre as consciências, os corpos e a sexualidade. Também ali estão governos que implementam programas de redução da fecundidade e outros que implementam políticas pro-natalistas, mais ou menos explícitas. Tanto num caso como no outro, a busca de recursos para o desenvolvimento e sua estratégia central.

Neste cenário também intervêm ambientalistas de distintas tendências. Para alguns deles, medidas

draconianas de controle populacional são justificáveis pois a espécie humana é apenas mais uma entre as espécies ameaçadas. Mas também estão presentes os ecologistas cujas análises têm como referência a complexidade dos processos sociais e econômicos. A análise do debate sobre políticas populacionais não pode prescindir de identificar outras posições muito polarizadas — como certas formas do fundamentalismo muçulmano — as quais muito provavelmente se expandem com rapidez nas novas condições globais. Finalmente, embora não estejam fisicamente presentes nos espaços de discussão, não podemos deixar de considerar os interesses do sistema médico, a lógica da investigação científica e a disputa de mercado por parte das empresas farmacêuticas transnacionais.

Neste panorama complexo e dinâmico, o debate tende a ter um tom reducionista que confina a discussão no âmbito da questão da fecundidade feminina. Além disso, pode-se observar que se apresenta congelado em dicotomias simplistas que urge desconstruir.

A primeira dicotomia e sua tradução em termos da confrontação Norte-Sul. Isso ocorre porque a configuração atual do campo foi determinada, nas três últimas décadas, pelo pânico dos países desenvolvidos em relação à explosão demográfica dos pobres no Sul. No momento atual, esta perspectiva de análise se reatualiza devido às condições globais do desenvolvimento: uma visão da desigualdade estrutural Norte-Sul passa a articular e a condensar posições críticas ao capitalismo dominante. Assim, como assinala Marie A. Helie Lucas () O eixo Norte-Sul implica que, de um lado, haja desenvolvimento — cultura, riqueza, democracia — e do outro (o nosso) — pobreza, estagnação, desamparo e ditadura. O caminho de mão única de nós até o outro e o do progresso — e do outro até nós — o da assistência. Dois blocos monolíticos confrontados um ao outro. Minha compreensão do mundo é a de que não há somente um eixo, mas vários. Há iniciativas de todos os lados e nós devemos buscar aliados potenciais do lado de fora — ao mesmo tempo em que lutamos a partir de dentro. (Women Living under Muslim Laws *Ours by Right* 1993)

O debate também se paralisa na falsa oposição entre bem comum e decisão individual. Em um lado do campo, controlistas e especialmente ambientalistas do Norte consideram que o desejo de eleição reprodutiva dos indivíduos — leia-se das mulheres — deve se subordinar à lógica maior do bem-estar planetário. No outro extremo, estão aqueles para quem a população é um bem supremo e ainda outros que acreditam que as decisões reprodutivas pessoais estejam contaminadas pelo individualismo e pelo liberalismo.

Finalmente as posições também se estruturaram em torno da tensão entre modernidade ocidental e tradição reproduzindo a divergência que eclodiu no debate sobre direitos humanos na Conferência de Viena de junho de 1993. É compreensível que nas circunstâncias atuais do desenvolvimento concebido e implementado como mera acumulação olhemos para o passado como fonte de renovação a procura de valores. Isso porém não pode ocultar as desigualdades e limitações de algumas tradições culturais particularmente no que se refere a forma como esta distribuído o poder nas famílias e entre os sexos.

Presos nesse conjunto de dicotomias os diversos atores tendem a ser principistas esgrimindo seus argumentos como se fossem a única e última razão. Essa atmosfera define jogos conflituosos de linguagem nos quais os discursos feministas vêm se enredando e desenredando. Capturadas aqui pelos controlistas ali pelo Vaticano mais adiante pela confrontação Norte-Sul somos com frequência atraídas pelo principismo sem compreender que a disputa pelos sentidos da linguagem é um campo político aberto. Evitar a cristalização é fundamental entre outras razões porque entre a linguagem e o mundo real que buscamos transformar há abismos que somente o diálogo e a práxis podem transpor.

Limitações tensões e armadilhas no campo feminista

Eu realmente penso entretanto que o feminismo só para mulheres é um luxo que feministas do sexo feminino não podem se dar e nunca desejaram. Afinal queremos transformar o mundo não somente as mulheres.

(Sandra Harding *Reinventing Yourself as Other: more new agents of history and knowledge* 1991)

Não é somente o campo do debate populacional que é denso. As tensões também estão presentes dentro do movimento. O pano de fundo frequentemente inexplicito destas controvérsias exige de nós o esforço de olhar para dentro do próprio movimento de modo a desatar os nós que estão entorpecendo e travando um diálogo e uma ação mais fluidos.

Uma limitação importante por exemplo é dada pela tendência a reduzir os termos do debate a questão da fecundidade. Devido ao fato de a trajetória do nosso movimento ter tido como eixo central de preocupação e ação a tríade reprodução sexualidade maternidade nós também tendemos a restringir nossa análise a fecundidade caindo sem querer no reducionismo que

criticamos nos outros. Não levamos em consideração as conexões existentes entre reprodução, qualidade de vida, desenvolvimento e equidade ampla, e esquecemos de outros componentes fundamentais da dinâmica populacional, como a mortalidade, as composições etária, racial e étnica, e as migrações.

Muitos de nossos discursos operam com a categoria totalizante "mulher", o que nos levou a um certo reducionismo de gênero, similar ao reducionismo de classe que criticamos no marxismo. Ao trabalhar com a categoria "mulher" como exclusiva, não só deixamos de reconhecer, como ainda esvaziamos o conteúdo das outras identidades dos sujeitos: a classe, a idade, a raça, a etnia, as experiências subjetivas e as experiências de vida de cada localidade, região e país. Isso nos impede de reconhecer que múltiplas identidades significam também múltiplas posições e estratégias, e assim permanecemos paralisadas/nervosas frente a evidência de que possam existir posições e estratégias diferentes dentro do movimento.

Outra limitação se origina no fato de que, na maioria dos países da América Latina e do Caribe, as mulheres de nossa geração foram protagonistas da transição demográfica, a despeito das políticas pro-natalistas e da ausência ou ineficiência de serviços. Praticamos a redução da fecundidade por nossa própria conta, e não sem custos. Foram abortos em condições de ilegalidade, desgaste emocional e de saúde, foram experiências mal vividas com os métodos contraceptivos, foram momentos de culpa e de dúvidas. Vivenciamos a incompreensão e a censura de outros e de outros, e também experimentamos tanto dilemas quanto possibilidades no plano do desenvolvimento pessoal. Tais circunstâncias mexem com as experiências refundidas em nossas memórias, e não resulta fácil ser sujeito e objeto do debate ao mesmo tempo.

Dentro do movimento também há tensões. Uma delas está condensada no debate sobre os meios que nos mulheres utilizamos para exercer nossos direitos reprodutivos. Por um lado, a tecnologia permite o exercício da decisão reprodutiva. Por outro, os próprios avanços da tecnologia tornam difícil sua apropriação e controle, o que termina por subordinar as mulheres ao sistema médico. Além disso, o desenvolvimento tecnológico transgride limites éticos tanto no nível da investigação sobre contraceptivos, como no da experimentação e das patentes em genética, e ainda no terreno da biodiversidade. Na perspectiva feminista, o corpo, ou parte dele, não pode ser alugado, emprestado ou vendido, como no caso das mães de aluguel. Os

direitos reprodutivos encerram responsabilidades para com o próprio corpo e para com a sociedade

Outra tensão paralisante no âmbito da análise feminista se localiza na divisão binária e radical entre masculino e feminino. Atualmente a reflexão se amplia com o uso da categoria gênero mais relacional, contextual e equilibrada no que se refere a distribuição do poder real e simbólico entre homens e mulheres. Todavia, continua-se a identificar o masculino como intrinsecamente mau/opressor e o feminino como intrinsecamente bom/vítima. Tal polarização tem repercussões importantes no debate sobre desenvolvimento e população, já que impede a identificação de aliados que possam potencialmente ser sensibilizados para a posição feminista, além de limitar nossa capacidade de incorporar ideias novas que nos permitam recriar nossas visões.

Há também divergências com relação às diferentes matrizes que inspiram as estratégias políticas do movimento, pois com frequência somos presas na armadilha da falsa opção entre separatismo e integração. Há consenso sobre a autonomia como eixo da ação do movimento, mas existe também a tentação de vivenciá-la como auto marginalização ou auto suficiência. É possível confundir autonomia com separatismo ou com marginalidade auto imposta, o que traz o risco de isolamento e de não sermos capazes de recriar nossas propostas em conjunturas tão dinâmicas como as que vivemos.

A ação política e ruptura do atual estado de coisas, o que significa avaliar a cada momento se estamos avançando numa perspectiva de mudança como ruptura estrutural ou de mudança como transformação de aperfeiçoamento das instituições e das práticas sociais. Tal situação nos apresenta a tensão continuidade/mudança, conhecido/desconhecido, onde mudança e desconhecido significam para nós a luta para conquistar poder político, instalando nos sob formas diversas nos espaços e níveis distintos nos quais tem lugar as decisões e os acordos. Uma última tensão resulta do fato de que a discussão está atravessada por sistemas de mediação que são simultaneamente locais, nacionais, regionais e internacionais, o que torna difícil a atualização das conjunturas dinâmicas que definem o debate e as intervenções.

No campo feminista também construímos armadilhas em termos de nossas práticas políticas. Podemos assinalar, por exemplo, que como herança patriarcal colocamos em cena versões velhas e novas de oportunismo e de manipulação. A dificuldade de desenvolver um debate político ocorre porque caímos, com frequência

na personalização ou optamos por silenciar ou evitar os conflitos. O fato de que o feminismo tenha incorporado e valorizado a dimensão do afeto na prática política tende a aplicar-se de forma totalizante, despriorizando outras dimensões desejáveis desta prática. Essa atitude muitas vezes complica a resolução dos conflitos, já que frequentemente a divergência política é subsumida pela trama dos afetos, evitando-se assim os debates de ideias.

O discurso da diversidade, esvaziado de seu conteúdo essencial, acaba por contribuir no sentido de nos prender numa soma de compartimentos estanques, em vez de nos abrir para o diálogo sobre aquilo que nos une para as negociações e para nossos vínculos reais.

A combinação das armadilhas descritas, além de prejudicar a explicitação e o trabalho político das diferenças, tornando arriscada e desgastante a construção de alianças, retarda a formação de uma massa crítica capaz de se apropriar de poder nos âmbitos populacional, de desenvolvimento e dos direitos reprodutivos.

Aventuras possíveis

() A democracia é um processo lento e fragil, constantemente ameaçado. É um aprendizado permanente: saber trabalhar com as diferenças, conhecer e gerir as tensões e os conflitos que nascem de interesses divergentes, de incompreensões, de medos, de lutas pelo poder. É a partir deste esforço continuado que podemos nos reconhecer cidadãos e cidadãs localmente e internacionalmente, e portanto cooperar uns para dar um sentido dinâmico à noção de desenvolvimento. () O desenvolvimento é a aventura humana que tem como objetivo, antes de tudo, a plenitude de todas as pessoas em toda a sua dimensão e em toda a sua capacidade de aportar ao conjunto da sociedade e ao meio onde vivem.

(Henryane de Chaponay)

Economie et Humanisme n.º 325, junho de 1993)

A Conferência Internacional de População e Desenvolvimento de 1994 é uma oportunidade histórica em um duplo sentido. Para fora do movimento, ela abre a possibilidade de consolidar o protagonismo da mulher no cenário internacional e nos planos nacionais e locais. Para dentro do movimento, coloca os desafios de construir uma agenda compartilhada, o de definir um denominador comum, além de abrir diálogos e de esboçar pautas de alianças com outros atores.

O feminismo se vê diante da alternativa de optar-se: intervir ou não neste campo, o que equivale a

decidir se luta ou não para construir forças necessárias para exercer o poder nos lugares onde o poder se exerce. Pretender intervir neste espaço para defender os interesses e direitos das mulheres não implica necessariamente abdicar de uma visão mais geral com relação a desigualdade do sistema. Mas não intervir significa deixar a outros o controle do poder, permitir que decisões que envolvem nossas vidas sejam tomadas fora de nossa alçada.

As circunstâncias históricas são propícias a reelaboração ideológica e política do conceito de democracia a partir de uma perspectiva de gênero de maneira concreta e orientada pela praxis. Também são propícias a nossa integração ao processo de revisão do conceito de desenvolvimento a partir do qual se abrem novas oportunidades para as sociedades e para o movimento.

As limitações e tensões paralisantes que atualmente atravessam o debate feminista sobre população podem se transformar em aventuras férteis as quais terão sem dúvida cores, atores e formas diferentes em cada contexto.

Aventura 1

Articular o projeto de longo prazo com a transformação efetiva no tempo presente

Sustentar a utopia não deve nos fazer esquecer de construir as pontes entre ela e a possibilidade efetiva de intervir e modificar o mundo aqui e agora, com as mulheres e a realidade histórica concretas.

Aventura 2

Redefinir os conceitos de população e de políticas populacionais

Esta tarefa implica superar o confinamento do debate a questão da fecundidade. Ela supõe ampliar o conceito através da incorporação de novas dimensões articulando a questão populacional com a formulação de um novo paradigma de desenvolvimento. Esta formulação deve se orientar para a democracia e para o bem estar das pessoas, tendo como referência o eixo dos direitos reprodutivos.

Tal reconceitualização não deve subestimar a necessidade de desafiar o marco ideológico e as práticas concretas das políticas populacionais. Devemos manter a crítica franca e aberta de suas deficiências e

abusos de modo a manter a pressão para a mudança e para a defesa das mulheres afetadas

Aventura 3

Construir o conteúdo e os mecanismos de consenso dentro do movimento

Devemos elaborar uma **agenda do não negociável** através da busca de um denominador comum que não se transforme numa camisa de força para a autonomia do movimento e nem tampouco dilua nossas diferenças. A construção de um consenso não é um processo de soma zero no qual algumas posições sobrevivem incólumes e outras desaparecem sem deixar rastros, mas sim um processo no qual todas nos transformamos e pelo qual somos todas responsáveis.

Dada a magnitude dos interesses em disputa e o significado que tem para as mulheres as decisões do Cairo, o primeiro conteúdo de nosso consenso é o reconhecimento de que nos sejamos os sujeitos e não os objetos do debate. Somos portadoras de projetos de transformação, mas não somos um sujeito único e indistinto. A pluralidade e a diferença são inerentes à trajetória da nossa construção política. O segundo conteúdo do consenso é o reconhecimento da necessidade de uma aliança entre mulheres feministas que defina os interesses básicos, os objetivos concretos e os limites do negociável e do não negociável (por exemplo, o conceito de família, o aborto, o poder de decisão das mulheres nos níveis local, nacional e internacional, a linguagem em relação ao planejamento familiar entre outros itens).

Aventura 4

Definir a estratégia das alianças desejáveis, das alianças possíveis e das negociações necessárias

A produção de relações de força favoráveis às mudanças supõe uma ação política capaz de compreender a complexidade das divergências e de descobrir os caminhos para as articulações e os acordos. As alianças não devem supor a perda da autonomia. Elas são uma expressão da ação política que vincula interesses para abordar o concreto a partir da soma de forças. O concreto se traduz em objetivos comuns e estes definem a transitoriedade de cada aliança, diferenciando o conjuntural do que é mais permanente.

Nos processos políticos ha sempre multiplas possibilidades de articular interesses Ha alianças possiveis e alianças desejaveis A clareza em relação a isso e necessaria Dar bases concretas a uma aliança supõe uma negociaçao a qual por sua vez supoe uma capacidade de estabelecer e levar a bom termo uma tal negociaçao Alem disso a açao politica do movimento e sua interaçao com a sociedade exigem uma elaboraçao especifica para cada pais ou regioa

A definiçao de uma politica de alianças e de negociaçao nao significa que se eliminem os jogos de poder A negociaçao se estabelece com poderes diversos (e nao com um unico poder) e se desenvolve no marco de cenarios dinamicos As fissuras e contradicoes dos poderes sao um campo fertil para a intervençao politica de nosso movimento

Aventura 5

A aventura não termina

O momento do Cairo e parte de um processo historico que nao se esgota na Conferencia Seu resultado se traduzira em um Plano de Açao que tera implicaçoes para a vida das mulheres As propostas alianças e estruturas que desenvolvermos serao a garantia juntamente com nossa propria força da viabilidade daquilo que queremos Ao Cairo se sucederão a Cupula de Desenvolvimento Social em Copenhague em março de 1995 e a Conferencia sobre Mulher e Desenvolvimento em Beijing tambem em 1995 O tecido que venhamos a construir nesse caminho pode e deve ser a ponte que nos levara na direçao de novas aventuras

TRADUÇÃO DE RENATO AGUIAR

A REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS (RBCS)

existe desde 1986 e já se consolidou como o periodico mais importante na área de ciências sociais *stricto sensu*

Assinar a RBCS e estar em contato com os temas atuais e as pesquisas recentes realizadas na Antropologia na Ciência Política e na Sociologia por pesquisadores do pais e bons autores estrangeiros E um espaço de encontro das inovações na reflexão e no discurso das ciências sociais em que a herança dos classicos da teoria social e desafiada pelos problemas postos a pesquisa contemporânea

O BOLETIM INFORMATIVO E BIBLIOGRÁFICO (BIB)

e uma publicação semestral que já conta com 35 numeros que oferecem balanços criteriosos, elaborados pelos mais eminentes cientistas sociais da bibliografia corrente sobre Antropologia Ciência Política e Sociologia

Resumos das teses defendidas perfis de programas de pos-graduação e centros de pesquisa apresentados a cada edição transformam o BIB em ponto de partida para a investigação e para o conhecimento das instituições voltadas para as ciências sociais

Assinatura anual da RBCS (3 edições)

Nacional	individual	15 URV	institucional	20 URV
Internacional	individual	US\$ 70	institucional	US\$ 100

Assinatura anual do BIB (2 edições)

Nacional	individual	10 URV	institucional	15 URV
Internacional	individual	US\$ 30	institucional	US\$ 50

Assinatura anual conjunta (RBCS e BIB)

Nacional	individual	20 URV	institucional	25 URV
Internacional	individual	US\$ 90	institucional	US\$ 130

Envie cheque nominal a ANPOCS

Av Prof Luciano Gualberto 315 Sala 116 - USP 05508 900 São Paulo - SP
Tel (011) 818-4664 Fax (011) 818 5043

Nome _____
Endereço _____
Cidade _____ UF _____ Cep _____
Data _____ Tel _____